



**Catarina Alexandra Monteiro de Oliveira**  
Doutoranda  
Universidade de Aveiro

# A Casa do Fim: um conto de José Riço Direitinho

**Palavras-chave:** literatura portuguesa, conto, José Riço Direitinho, *A Casa do Fim*

**Keywords:** Portuguese literature, short story, José Riço Direitinho, *A Casa do Fim*

**Resumo:** O livro *A Casa do Fim*, do jovem escritor José Riço Direitinho, é composto por dez narrativas breves e autónomas, histórias de vida e, sobretudo, de morte, protagonizadas por personagens invulgares. Direitinho dá forma a um universo ficcional fortemente determinado pela ruralidade, onde a tendência realista facilmente se combina com um halo de fantástico.

Em *A Casa do Fim*, conto estrutural e semanticamente fragmentário, sabedorias profundas e hábitos ancestrais são transmitidos de mãe para filha. A transgressão do pai é expiada pelo filho, apresentando-se o suicídio como uma necessidade fatal.

**Abstract:** The book *A Casa do Fim* by young writer José Riço Direitinho is made up of ten short and independent stories, stories of life and, above all, of death, played by unusual characters. The writer shapes a strongly rural fictional universe, where he mingles what is real and what is fantastic.

*A Casa do Fim* is a structurally and semantically fractured story, where deep wisdom and ancestral habits are passed on from mother to daughter. The son atones for the sins of the father, and suicide is shown to be a fatal necessity.

textos independentes é mantida pelo recurso à mesma temática, ao mesmo tempo que se evidencia uma certa unidade de estilo.

Como cenário, José Riço Direitinho elege os ambientes rurais do norte de Portugal. Para além da recriação do espaço físico em si mesmo, o contista dá forma a um universo ficcional fortemente determinado pela ruralidade. Da arquitectura das vilas e aldeias de *A Casa do Fim* faz parte a taberna, a cujo balcão um homem sem nome decide finalmente por cobro a uma existência inteiramente dedicada a um amor absurdo («O ar cheirou a velas derretidas»), um

**1.** *A Casa do Fim*<sup>1</sup>, colectânea de contos publicada em 1992, marca a estreia de José Riço Direitinho na ficção nacional, consagrando-o, desde logo, como uma das suas vozes mais representativas. Poucos livros de estreia terão conquistado tão velozmente o interesse da crítica nacional e estrangeira, e até de escritores consagrados como José Saramago e Agustina Bessa-Luís. O escritor havia já publicado alguns textos no suplemento juvenil do *Diário de Notícias*, entre 1985 e 1991, o que lhe permitiu, de alguma forma, depurar e ensaiar a escrita contística. Só assim se justifica a inesperada força e maturidade desta obra inaugural.

O livro é composto por dez narrativas breves e autónomas. Histórias de vida, de amor e, sobretudo, de morte, protagonizadas por personagens invulgares, tendo como pano de fundo um mundo fechado, insólito e rural. A coesão entre os vários

<sup>1</sup> José Riço Direitinho, *A Casa do Fim*, 2.ªed., Porto, Edições Asa, 1999.



jovem rapaz repete obsessivamente a história do sonho e da morte horrorosa que ele prenuncia («O amieiro»), um outro tira o dinheiro ao pai para evitar um possível furto («Auto do Medo») e Tiago chora a sua estranha circuncisão («A Casa do Fim»); o lagar, palco do horrendo suicídio de um pai que julga ter sido roubado («O Auto do Medo»); a capela, que a personagem feminina do conto «O ar cheirou a velas derretidas» se esforça por manter asseada; a igreja, junto da qual habita o «Estrangeiro» («O Estrangeiro»); a azenha, já em ruínas, onde Zebedeu viola Ester («A Casa do Fim»); as terras de milho e os campos de arroz («O amieiro», p. 55-56). Nas casas, os candeeiros são ainda alimentados a petróleo («A Casa do Fim», p. 79), os colchões cheios com «camisas de milho» («A Casa do Fim», p. 77). As mulheres e as criadas, reúnem-se, ao serão, em redor da lareira, normalmente localizada na cozinha, num desfiar de histórias e saberes muito antigos.

Por vezes, o escritor, licenciado em agronomia, detém-se na enumeração de ervas, flores e objectos agrícolas, na descrição de plantas e animais, demonstrando um profundo conhecimento do mundo rural, impoluto, mas irremediavelmente ameaçado pelo progresso. Como refere Helena Vasconcelos, José Riço Direitinho «digged up something quite unusual, the most profound and visceral signs of a culture in the brink of extinction»<sup>2</sup>.

Fiéis depositárias de sabedorias profundas e hábitos ancestrais, as personagens de *A Casa do Fim*, sobretudo as mulheres, mantêm com o desconhecido uma relação mágica e telúrica. No conto «Sinais», o trágico destino de uma jovem, preanunciado por uma série de indícios, encontra explicação na inobservância de alguns rituais. Um pequeno descuido do pai da menina adia o seu nascimento para o meio-dia, considerada «a hora mais nefasta para o nascimento» (p. 27). Além disso, o bebé vem ao mundo com o cordão umbilical enrolado no pescoço «que é sinal de morte por desastre» (p. 27). Para saber o sexo da criança, a mãe coze o coração de uma galinha pedrês. O desditoso progenitor «para afugentar as bruxas e os espíritos das trevas» (p. 28) coloca sob o catre um sacho, em vez de uma foice, como a mãe havia recomendado. A tendência da petiza para o fastio e o macabro seria resultado da amamentação com leite de cabra, depois do leite materno ter secado, desta vez por incúria do irmão da rapariga, que enterrara as secundinas perto de uma figueira, em vez de as incinerar. No conto «A Casa do Fim», Raquel tenta a todo o custo esconder a sua menstruação das mulheres que a acompanham ao túmulo de Ester, «por recear que elas a não deixassem aproximar-se da campa, pois poderia trazer espíritos impuros sobre o lugar da morta» (p. 80). Isabel, numa tentativa de curar a mudez da filha de Ester, «colocava-lhe sobre o pescoço emplastos de funcho, tília, flores de hissopo, poejo e erva-cidreira, e dava-lhe a beber tisanas de urina de cavalo com maceração de figos-da-índia e bagas de murta» (p. 88). Segundo Helena Vasconcelos, estas e outras superstições enformam um modo de viver «built on atavistic rituals and oral tradition, a memory in witch real and unreal, mysticism and daily life are tightly interwoven in a quilt of paths meant to be crossed with the ease of angels (or demons)»<sup>3</sup>.

A descrição de tarefas eminentemente rurais, há muito abandonadas ou esquecidas, concorre, de igual modo, para a recriação de um ambiente campesino. Ao serão, as criadas velhas do conto «Sinais» acoram-se a fiar, junto da lareira. Em «Abel e Caim», o fraticida ceifa todas as manhãs o junco com que fabrica os cestos. A personagem central do conto «Monólogo com erva-cidreira», depena galinhas, previamente imersas em água a ferver. Farta «daquele cheiro a trampa e dos montes de enxúndia nojenta que têm todas as galinhas engordadas no campo» (p. 47), a rapariga decide trocar o vestido manchado com o sangue das aves. A imagem caseira, desaprazível ao olhar e ao olfacto, situa o episódio num espaço notoriamente rural, mas desprovido de contornos idílicos. Como reconheceu António Manuel Ferreira, «Direitinho consegue, em poucas palavras, criar um mundo intrinsecamente coerente

<sup>2</sup> Helena Vasconcelos, «The rapturous talent of four portuguese writers», [http://www2.storm\_magazine.com/arquivo/Artigos\_Julho\_Agosto/Artes/a\_ago2001\_1d.htm].

<sup>3</sup> Id., *ibid.*



e configurado por um tipo de representação realista que, de forma desapiedada e brutal, situa o evento dentro das fronteiras do verosímil<sup>4</sup>. Como exemplo, veja-se o primeiro período de o «Auto do Medo», analisado pelo investigador<sup>5</sup>, ou a violenta descrição do cadáver do irmão assassinado em «Abel e Caim»: «O padre correu a espantar uma galinha, de pescoço pelado como um abutre, que estava em cima do corpo, a bicar-lhe os olhos e a esgravatar com as patas a ferida do pescoço, pejada de moscas» (p. 34-35). O recurso a um vocabulário específico tem como propósito sintonizar o discurso com o ambiente recriado. A servir o mesmo objectivo estão outros processos estilísticos, como as comparações de figuras humanas com animais (e.g. em «Abel e Caim», as crianças insubordinadas, enxotadas pelo padre, fazem lembrar «um bando de perus desobedientes»- p. 35) e o aproveitamento de elementos da natureza como motivos simbólicos, à semelhança do que acontece nos romances de Agustina.

A memória pessoal e atávica é sempre estimulada por sensações olfativas. Este elemento sensorial assume grande vitalidade até nos títulos das narrativas: «O ar cheirou a velas derretidas», «Um cheiro forte a flores velhas», «Monólogo com erva-cidreira», «Nasci a cheirar a tomilho». Os odores pressagiam a morte e determinam um destino trágico ou um futuro auspicioso.

A tendência realista dos contos de Direitinho, que situa as personagens num contexto físico, cultural e social determinado, facilmente se combina com um halo de fantástico, que perpassa ao longo de toda a obra, mas «não permite que o texto se aventure totalmente no domínio do fantástico, porque são muito fortes os laços que prendem as personagens ao enquadramento realista (...) Os contos são assim, predominantemente estranhos, mas de uma estranheza que provém da própria complexidade do mundo representado, e não tanto da diluição dos alicerces do mundo»<sup>6</sup>.

Inserida numa dimensão temporal rarefeita, a directriz ruralista de Direitinho acentua ainda a imobilidade cíclica do mundo agrícola. Com efeito, a passagem do tempo é, não raro, assinalada pelos ciclos de renovação da natureza ou pela referência a eventos importantes para a comunidade: o dia do nascimento, do casamento e da morte.

Apesar de pertencerem a um tempo irremediavelmente passado, as grotescas e desconcertantes personagens de *A Casa do Fim* vêm-se a braços com dilemas intemporais, que espelham a complexidade da condição humana: a presença inexorável da morte, a força irracional do amor, o poder do *fatum*. Cada um dos contos se organiza em torno de uma personagem central, cuja existência é totalmente dominada e determinada por um momento particular, inscrito na memória. No conto «Abel e Caim», um narrador homodiegético vive atormentado pelo remorso de ter assassinado o próprio irmão. «Não precisou de plantar um funcheiro no fundo do quintal, como quase toda a gente fazia no dia do funeral, para que se lembrasse do morto sempre que o cheiro a funcho entrasse na casa» (p. 33), uma vez que a imagem do cadáver, caído numa moita de alfazema e bonina, era continuamente reavivada por uma pertinaz fragrância a plantas medicinais «que o haveria de atazanar para sempre» (p. 35), e um sonho periódico, que durava exactamente sete noites. O odor e a memória penosa do flagício só aliviavam em Novembro, com a chegada das primeiras chuvas e do vinho novo, ideal para afogar as recordações. Durante vinte anos, o homem carrega a lembrança da discussão e do crime passional, aguardando agora que a morte o liberte de uma vida asfíxiada pelo remorso. Também no «Auto do Medo», a personagem é incapaz de se livrar da imagem do pai enforcado, mas ao fim de vinte anos, decide finalmente pôr termo à vida. Elemento basilar de aproximação entre os textos, o suicídio é, em quase todos os contos, o lenitivo encontrado pelas personagens para escapar ao poder impositivo do destino. Na formulação de Sílvia Cavalieri, «Única possibilita per contrastar elo scorrere logorante di un

<sup>4</sup> António Manuel Ferreira, «A Casa do Fim: Os contos de José Riço Direitinho», *Revista Letras* 54, Curitiba, 2000, p. 41.

<sup>5</sup> Id., *ibid.*, p. 41.

<sup>6</sup> Id., *ibid.*, p. 38.



tempo sempre idêntico a se stesso è, prevedibilmente, il suicidio, che ricorri in quasi tutti i racconti ed entra presto, com la sua ripetitivà anodina, nel ciclo asfissiante della necessità fatale.»<sup>7</sup> Que a morte se define como um dos temas estruturantes do livro assim o indicam não só a sua presença constante, mas também a epígrafe de Céline, a abrir a colectânea: «A maior parte das pessoas não morre senão no último momento; outras começam a agarrar-se a isso com vinte anos de antecedência, e às vezes mais. São os infelizes deste mundo». O eros nas suas diferentes configurações enforma o universo diegético dos contos «O ar cheirou a velas derretidas» e «Monólogo com erva-cidreira». Já em «Sinais» e «Nasci a cheirar a tomilho», o destino das personagens é ditado por uma força tão misteriosa quanto fatal, capaz de atirar uma jovem mulher para uma cadeira de rodas, antes do casamento, ou dotar um rapaz de aptidões curativas.

**2.** Para além de dar título à colectânea, o conto «A Casa do Fim» é, sem dúvida, o mais extenso de todo o volume.

Estrutural e semanticamente fragmentário, o conto tem início com o regresso do cão-guia do Velho à Casa do Fim. O *incipit* do texto corresponde, afinal, ao remate, uma vez que dá a conhecer o destino de Job, que desaparecera «comido pelo breu» após a morte do dono, para agora retornar, «ao terminar do sétimo dia», o último por excelência. Já o famoso médico grego Hipócrates se refere ao número sete como « (...) a fonte de todas as mudanças, pois até a lua muda de fase de sete em sete dias. Este número influi em todos os seres sublimes»<sup>8</sup>. Em quase todas as religiões, o número goza de grande prestígio. São sete os planetas e sete os pecados capitais. No geral, o sete corresponde ao culminar de um ciclo. Contaminado pela cegueira do Velho, a quem tinha lambido os olhos antes de falecer, o cão volta a casa para morrer junto do dono. Desta forma, o início e o fim do texto encontram-se, o que constitui, aliás uma das características matriciais da técnica literária de Direitinho.

O segundo parágrafo aproxima duas personagens – a Muda, filha de Ester, e Tiago, «irmão de João e filho de Zebedeu, o barbeiro» – num encontro cheio de subentendidos, perto das ruínas da azenha, que tem como resultado a circuncisão do jovem rapaz. Incapaz de compreender o sucedido, Tiago lamenta a sua sorte na taberna, sem chegar a surpreender os ouvintes, cientes dos estranhos poderes da Muda. Num registo de áspero realismo, Tiago «tinha as pernas afastadas e entre as mãos o membro ensanguentado que ele ligava com uma fita de linho novo. Um cuspo viscoso e amarelo como baba de boi escorria-lhe dos dedos sem agilidade». Mutilado na sua virilidade, é dominado por uma espécie de abulia desistente. Dolorosamente melancólico, divide o seu tempo entre a casa e a barbearia do pai, mudo e ausente.

Tal como é indiciado na epígrafe extraída de *Fado Alexandrino*, de António Lobo Antunes, que antecede o conto, numa narrativa que assume traços de um realismo mágico de tons crepusculares, as mulheres são sempre portadoras de um mistério:

...porque a cabeça das mulheres trabalha oblíqua e através do futuro e a dos homens a direito e tão inútil e pegada ao presente como uma oliveira seca.

A Muda, que aos dezasseis anos tinha adquirido todos os poderes da mãe, chamando a si a tarefa de resolver os mais estranhos e difíceis casos, tem em relação a Tiago um vago

<sup>7</sup> Sílvia Cavalieri, «L'eterno ciclo fatale: José Riço Direitinho», [http://www2.unibo.it/boll900/numeri/2002-i/W-bol/Cavalieri1/Cavalieritesto.html].

<sup>8</sup> Citado por Juan Eduardo Cirlot, *Diccionario de Símbolos*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000, p. 329.



pressentimento, uma inquietação latejante, que a faz fechar os olhos quando o contempla pela primeira vez «como quem quer trazer à lembrança um facto já guardado». O encontro acontece, sintomaticamente, três dias depois de um sonho premonitório e altamente perturbador, cujo significado a jovem não apreende na totalidade, mas está na origem da estranha circuncisão de Tiago, cinco anos mais tarde. Este, por sua vez, assiste, desconcertado ao inusitado acontecimento, impossibilitado de interpretar o sonho que o assalta na madrugada da morte do Velho, limitando-se a expiar, sem saber, um crime alheio.

Zebedeu, pai de Tiago, incendiado pelo «lume na forma de pequenas línguas que se evolavam aos poucos» dos olhos de Ester, violara a vidente, nas ruínas da azenha, sob um monte de flores da cor da morte. O fogo infernal que emana do corpo da mulher imediatamente contamina o barbeiro, que quando se retirou de Ester «tinha na boca uma espuma azulada como a dos cães possessos». Os mesmos modos animalescos e a mesma saliva azulada se identificam também na pastora esconjurada pela vidente. Por essa ocasião, que estará na origem da fama de Ester como benzedeira, línguas de fogo evoluem-se «daquele corpo de cobra com cio».

Anos mais tarde, a funesta chama que ilumina também os olhos brancos da Muda, produz insólitos efeitos sobre o filho, quando este se preparava, tal como o pai, para caçar veados, junto das ruínas da azenha, e vê o corpo desnudo da rapariga.

Reconhecem-se, assim, no místico fogo de Ester, comunicado à filha através do leite materno, finalidades purificadoras e regeneradoras. Para solucionar a estranha peste dos porcos cobridores, que sucedeu à violação, a vidente estimula o fogo vital, que nos animais começara a afracar. Um ano após a morte de Ester, a oliveira sob a qual jazia o corpo da vidente arde num fogo sublimador e esta parte em busca de novos mundos. Um grupo de mulheres ruma à campa para depositar algumas flores, quando, sem surpresa, se dá conta do incêndio e do sepulcro vazio. O corpo de Ester evolva-se, então, sob a forma de pomba, símbolo, tal como outros animais alados, da espiritualidade e do poder de sublimação. O ritual de purificação termina com o simbólico voo da ave sobre a oliveira queimada. Com uma flor de lótus no bico, a ave descreve três voltas em volta da árvore: a Ester era agora dada a conhecer a revelação final, a unidade e o equilíbrio.

Todavia, fogo é, simultaneamente, agente de destruição. Estimula o desejo de Zebedeu, conduzindo ao estupro de Ester. A transgressão do pai repercute-se, no entanto, inexoravelmente, sobre o filho, segundo o preceito grego da culpa hereditária. O pecado é expiado à segunda geração, não só por Tiago, mas também pela sua meia-irmã, a Muda, definindo-se o suicídio conjunto como uma necessidade fatal. À margem da maldição familiar, permanece Marta, uma das mais fiéis companheiras de Ester, frequentadora assídua da Casa do Fim.

Este fatalismo obsessivo reflecte-se na arquitectura «estranha, por vezes quase obscura» da Casa do Fim: tal como na vida é impossível fugir ou ludibriar a força impositiva do destino, também as três portas da sala de espelhos não conduzem a sítio nenhum. Na sala dos retratos, reina uma atmosfera de mistério. Retratos, amuletos e ervas de cheiro misturam realidade e maravilhoso, credence e saberes ocultos.

O estranho brilho dos olhos de Ester intensifica-se com a gravidez tardia e contrasta com a ausência da filha e do Velho. Segundo Sílvia Cavalieri «la storia s'impertina su una serie di contrasti dialettici ossessivamente ribaditi: fra visione e cecità e fra fuoco e gelo (giustapposti nel gioco ossimorico-paranomastico Inverno-inferno, a p. 76), che si condensano nella figura principale del racconto, Ester la veggente, che già nel suo nome (*stella* in hebraico) racchiude un'idea di luce e calore»<sup>9</sup>. O nome da própria vila inclui o elemento ígneo.

As maiúsculas transformam indicações genéricas em verdadeiros topónimos, impossíveis de localizar («Vila do Fogo», «Caminho do Canavial», «Cerro do Anjo», «Casa do Fim»). Também

<sup>9</sup> Sílvia Cavalieri, «L'eterno ciclo fatale: José Riço Direitinho», [http://www2.unibo.it/boll900/numeri/2002-i/Wbol/Cavalieri1/Cavalieritesto.html].



as coordenadas temporais tendem a diluir-se, uma vez que os períodos são marcados através das catástrofes que assolam a aldeia (a praga das rãs, a peste dos porcos cobridores, a praga dos gafanhotos).

Logo após a morte do Velho, na noite em que a luz envolve a Casa do Fim, «o grande e antigo retrato de Ester (...) oscilou uma dúzia de vezes e aquietou-se, por fim». O número doze, associado a ordem cósmica e salvação, corresponde também ao número de mulheres que frequentavam a Casa do Fim. Com o suicídio da Muda e Tiago e a morte do Velho, encerra-se, finalmente, o «eterno ciclo fatal»<sup>10</sup>.

## Bibliografia

CAVALIERI, Silvia, «L'eterno ciclo fatale: José Riço Direitinho» [<http://www2.unibo.it/boll900/numeri/2002-i/W-bol/Cavaliere1/Cavaliertesto.html>]

CIRLOT, Juan Eduardo, *Dicionário de Símbolos*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 2000.

DIREITINHO, José Riço, *A Casa do Fim*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto, Edições Asa, 1999.

FERREIRA, António Manuel, «A Casa do Fim: Os contos de José Riço Direitinho», *Revista Letras* 54, Curitiba, 2000, p. 35-43.

VASCONCELOS, Helena, «The rapturous talent of four portuguese writers» [[http://www2.storm\\_magazine.com/arquivo/Artigos\\_Julho\\_Agosto/Artes/a\\_ago2001\\_1d.htm](http://www2.storm_magazine.com/arquivo/Artigos_Julho_Agosto/Artes/a_ago2001_1d.htm)]

<sup>10</sup> Id., *ibid.*